

edmetic

Revista de Educación Mediática y TIC



Cyberbulling-Questões e desafios atuais
Cyberbulling-Current issues and challenges

29

Fecha de recepción: 22/05/2013
Fecha de revisión: 07/09/2013
Fecha de aceptación: 21/09/2013

Cyberbullying-Questões e desafios atuais

Cyberbullying-Current issues and challenges

Teresa Pessoa¹ & João Amado²

Resumo:

A evolução que se tem verificado ao nível das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) têm tido impacto significativo no quotidiano, muito particularmente na vida dos jovens. Se de facto o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas constitui, por um lado, vantagem para a construção de projetos e cenários educativos inovadores e medeia, com vantagens significativas, a forma como as crianças e jovens se expressam, comunicam, constroem a sua identidade é também inegável, por outro lado, e comumente reconhecido que a par destas vantagens há riscos importantes associados à utilização da Internet e das TIC – como é o caso do cybebullying! Neste artigo reflectem-se as principais linhas de investigação que se produziram, nos últimos anos, na área do Cyberbullying. Apresenta-se assim, neste trabalho, uma leitura crítica e fundamentada na recente investigação, de alguns temas relevantes nesta área de investigação, nomeadamente a definição do conceito de cyberbullying, a caracterização dos atores envolvidos, a referenciação das tecnologias usadas, a identificação e descrição dos comportamentos associados, bem como o alcance, a prevalência e o impacto do fenómeno e das emoções e sentimentos associados. Finalmente tecem-se alguns comentários relativos às dificuldades da investigação sobre a temática e aos desenvolvimentos da mesma no futuro.

Palabras claves: Cyberbullying, conceito, comportamentos, alcance, afetos

Abstract:

The development and changes that have occurred in *Information Technology and Communication (ICT)* have had significant impact on daily life, particularly the lives of young people. Although the development of technological tools, on the one hand, favours the construction of projects and innovative educational scenarios and mediates, with significant advantages for the way children and young people express themselves, communicate, and construct their identity, it is on the other hand undeniable and commonly recognized that in the wake of these advantages come serious risks associated with the use of the Internet and

¹ Universidade de Coimbra (Portugal). tpessoa@fpce.uc.pt

² Universidade de Coimbra (Portugal). joao.amado@sapo.pt

ICT as is the case of cyberbullying.

This article reflects the main lines of research in recent years in the area of Cyberbullying. This work, based on critical reading and grounded in recent research, raises some important issues in this area of research, namely the definition of cyberbullying, the characterization of the actors involved, referencing the technologies used, the identification and description of related behaviours, as well as the scope, prevalence and impact of the phenomenon and the associated emotions and feelings. It concludes with some comments on research difficulties in this area and future developments.

Keywords: Cyberbullying, behavior, prevalence and emotions

1. Introdução

A evolução e as mudanças que se têm verificado ao nível das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) têm tido impacto significativo no quotidiano, muito particularmente na vida dos jovens. Nos últimos anos registaram-se mudanças significativas na World Wide Web, sendo de assinalar a passagem da web 1.0 à web 2.0; isto significa que é possível, neste momento, a qualquer criança, jovem ou adulto, e em qualquer lugar, ser ator e autor no cyber espaço, sem custos, sem necessidade de competências tecnológicas altamente especializadas e sem controlo ou supervisão. Se de facto o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas constitui, por um lado, vantagem para a construção de projetos e cenários educativos inovadores e medeia, com vantagens significativas, a forma como as crianças e jovens se expressam, comunicam, constroem a sua identidade, por outro lado, é também inegável e comumente reconhecido que, a par destas vantagens há riscos importantes associados à utilização da Internet e das TIC – como é o caso do cybebullying!

O cyberbullying é um problema relativamente recente e emergente nas nossas escolas (Newey e Magson, 2010), ainda desconhecido para a maioria dos pais (Parks, 2013), e para muitos professores que não imaginam os novos perigos que ameaçam os seus filhos ou alunos. Torna-se, pois, muito importante e urgente a compreensão multidisciplinar do fenómeno tendo assim em conta a multiplicidade de fatores que o caracteriza: sociais, familiares, pessoais, grupais e escolares.

O presente trabalho tem como objetivo oferecer uma compreensão holística do fenómeno do cyberbullying através de uma leitura³ e análise das

³ A leitura que se oferece está fundamentada em todo um percurso de pesquisa dos autores deste trabalho no domínio do Cyberbullying de que salientamos. A) o projeto *Cyberbullying – Um diagnóstico da situação em Portugal* (Referência: PTDC/CPE-CED/108563/2008), financiado pela FCT, com as colegas Doutoradas Armanda Matos e Cristina Vieira B) O projecto [CyberTraining: A Research-based Training Manual On Cyberbullying](#), apoiado pela Comunidade Europeia (ref. 142237-LLP-1-2008-1-DE-

principais linhas de investigação que, nos últimos anos, emergem, na Europa e no Mundo, sobre a temática do cyberbullying ao mesmo tempo que identifica e descreve as problemáticas atuais que o caracterizam. Abordaremos um conjunto de temáticas emergentes de estudos e textos diversos, tendo como referência a qualidade e reconhecimento científico dos seus autores. Ficam, no entanto, por referir e desenvolver muitos outros temas, mais por condicionalismos de espaço do que por menor valorização dos mesmos; refiram-se, neste caso, temas como: as motivações dos agressores, as estratégias de *coping* usadas pelas vítimas, as estratégias de prevenção e de intervenção a promover na escola e na família, a legislação e a atribuição de responsabilidades legais, entre outros.

2. Os estudos e investigações: as principais questões abordadas

2.1 Cyberbullying – a construção do conceito

Trata-se de um conceito recente e ambíguo, carecendo, ainda, de uma rigorosa e unânime conceptualização teórica, necessária à investigação e à partilha de resultados nesta temática. Como referem Newey e Magson “Another problem evident in the current research is the lack of a universal definition of cyber bullying. Definition choices influence instrument selection (...).These definitional problems lead to researchers using a diverse selection of research tools, conceptualisations and theoretical frameworks, which in turn makes comparisons across empirical studies impractical, and advancements in our understanding of this emerging research field unattainable” (2010: 5).

Em ordem a uma definição consensual do fenómeno pode dizer-se que tem havido toda uma evolução e debate que é importante compreender e contextualizar nas próprias dinâmicas da evolução das Tecnologias da

LEONARDO-LMP, aprovado para financiamento pela Education, Audiovisual & Culture Executive Agency - EACEA) e desenvolvido entre 2008 e 2010 por equipas de 7 países europeus, com a colega da equipa portuguesa Doutora Armanda Matos e C) O

Informação e da Comunicação (TIC) e do impacto destas na vida quotidiana.

Nancy Willard apresentou uma primeira definição de *cyberbullying* dando ênfase aos sentimentos e aos comportamentos de natureza social envolvidos neste problema e “considera que uma situação de *cyberbullying* ocorre quando se é cruel para com os outros, enviando ou colocando online material prejudicial ou envolvendo-se em outras formas de crueldade social utilizando quer Internet quer outras tecnologias digitais” (Willard, 2006, cit. in Calmaestra et al, 2010: 5).

Ainda em 2006, Smith e colegas acentuam outros aspetos na definição de *cyberbullying*, como a intencionalidade e a duração do comportamento; desse modo, definem o fenómeno como um ato de agressão intencional, realizado repetidamente, ou durante um período de tempo, por um grupo ou indivíduo, utilizando formas de contacto eletrónicas, contra alguém que não consegue defender-se facilmente.

Neste mesmo sentido segue a definição de Belsey (2006) ao expor que o *cyberbullying* envolve a utilização das TIC como uma plataforma para uma conduta hostil, repetitiva e intencional por parte de um grupo ou de um indivíduo, cujo objetivo é prejudicar os outros. A intencionalidade e a repetição são também características salientadas por Hinduja e Patchin (2010) e realçadas por del Barrio (2013).

Na atualidade o conceito é cada vez mais construído e delimitado tendo em conta as especificidades do desenvolvimento das ferramentas tecnológicas que o suportam. Li, retomando a definição de Willard em 2004, salienta o uso das TIC: “Cyberbullying can be briefly defined as ‘sending or posting harmful or cruel text or images using the Internet or other digital communication devices’ (2010, 3). Já Belsey especificava que o “cyberbullying involves the use of information and communication technologies, such as e-
projeto CyberTraining para pais (CT4P), apoiado pelo programa Grundtvig / Lifelong

mail, cell phone and pager text messages, instant messaging, defamatory personal Websites, and defamatory online personal polling Websites, to support deliberate, repeated, and hostile behavior by an individual or group that is intended to harm others" (2006, 3). Atualmente Ortega e colegas definem cyberbullying como "a form of bullying that uses electronic means such as email, mobile phone calls, text messages, instant messenger contact, photos, social networking sites, and personal web pages, with the intention of causing harm to another person through repeated hostile conduct" (2012, 342).

Finalmente a definição de Parks realça as Tic quando diz que o cyberbullying é "any harassment that occurs via Internet or digital communication. That includes e-mail, instant messages, comments on social networking sites as Facebook, post on others websites or blogs, and videos posted on You Tube. With the exploding popularity of cell phone text messaging cyberbullies can also harass their victims by sending them abusive text messages." (2013,9).

Apesar desta ênfase nas TIC, também tem havido preocupação com outras características específicas do fenómeno como é o caso do anonimato do agressor e a ausência de tempos e de espaços específicos para a prática deste tipo de comportamentos.

2.2 Cyberbullying – papéis e perfis dos sujeitos envolvidos

O *cyberbullying*, à semelhança de outros tipos de bullying, tem subjacente dinâmicas sociais e relacionais em que emergem, entre outros, o papel do agressor e o papel da vítima. Se entre um e outro destes dois papéis é natural que haja um desequilíbrio ou assimetria de poderes, no caso do cyberbullying este desequilíbrio possui bases diferentes do que acontece no bullying face a face, sendo fundamental a existência de competências e de vantagens no

Learning Programme of the EU, 2010-2012, com a colega Doutora Armanda Matos.

domínio das tecnologias; desse modo, o agressor não tem necessariamente que ser mais forte fisicamente do que a vítima.

As vítimas em situações de cyberbullying também têm o poder de, em alguns casos, se desligarem do agressor ou dos comportamentos agressivos na medida em que 'o' podem bloquear ou apagar e desligar-se do site, etc., isto é, estão disponíveis ferramentas tecnológicas de bloqueio e evitamento (Price & Dalgleish, 2010, Wolak et al, 2006). Porém, reconhece-se que apesar disso, a agressão pode permanecer para além do tempo e espaço (Amado, Matos, Pessoa e Jäger , 2009), independentemente da vontade do agressor (Slonje & Smith, 2008), o que traz a este fenómeno características singulares.

Grande parte dos sujeitos de cyberbullying, que são vítimas ou agressores, tiveram ou têm histórias de bullying face a face (Avilés Martínez, 2013, Smith, 2006; Li, 2006^a, Ybarra & Michell, 2004; Ybarra, Mitchell, & Finkelhor, 2006). Não deixa de ser importante realçar a frequente troca de papéis entre vítimas e agressores.

Os agressores, no caso do cyberbullying, usufruem da vantagem do anonimato responsável por um 'efeito de desinibição' que os estimula a reagir impulsiva e agressivamente aos parceiros online (Arıcak, 2009) Eles escondem-se por de trás de nicknames ou de diversos avatares e, além disso, não veem as reacções das vítimas (emoções, expressões corporais, etc.), o que 'os protege' de sentimentos de culpa ao mesmo tempo que aumenta a vulnerabilidade das vítimas (Newey e Magson, 2010). Apesar do anonimato, a investigação (Ybarra & Michell, 2004) revela que as vítimas conhecem frequentemente os autores da agressão; como diz Parks (2013, 13) "A majority of young people who had experienced each type of abusive behavior said it was carried out by someone they knew very well for 13 out of 16 behaviors tested".

A par desta atenção às dinâmicas entre os papéis da vítima e do agressor, verifica-se uma preocupação pelo estudo dos perfis psicológicos dos sujeitos que assumem um ou outro dos papéis. A este propósito, muito

recentemente e com base em estudos anteriores, Del Barrio (2013), conclui que as vítimas são crianças e jovens que se sentem menos populares, e sofrem de problemas emocionais na sua relação com os companheiros. Para além disso possuem um conhecimento inadequado acerca dos riscos e das regras do uso seguro da internet (manter a privacidade, não partilhar chaves de acesso, saber pedir ajuda, etc.).

Segundo a mesma autora os agressores caracterizam-se por ausência de empatia, confiança e segurança no uso das novas tecnologias, percepção de falta de confiança, carinho e ajuda nas suas amizades. Por outro lado, como refere Cowie (2013, 17) há cada vez mais evidências de que os agressores apresentam frequentemente transtornos de conduta, hiperatividade e consumos proibidos, como álcool e tabaco.

Acrescente-se, no entanto, que estes perfis representam apenas uma tendência geral, não se podendo esperar que qualquer caso de vítima ou de agressor encaixe forçosamente num um mais destes aspetos ; além disso todos estes fenómenos estão a evoluir e a variedade de aspetos a considerar pode ampliar-se constantemente.

Vários outros papéis têm sido identificados no desenvolvimento do fenómeno do bullying, inerentes aos que, genericamente, se designam por 'observadores', e que podem ser: reforçadores e auxiliares (apoiam o agressor), o defensor (apoia a vítima) e a testemunha, com um papel passivo e que nem apoia objetivamente o agressor nem a vítima. Relativamente aos papéis dos observadores a investigação tem-se interessado pela natureza diferenciada dos sentimentos face à vitimação, bem como à relação entre a frequência do bullying e o papel dos observadores. (Bowers et al, 1994, Olweus, 1993, O'Connell, Pepler & Craig, 1999, Ortega & Mora-Merchán, 2000, Calmaestra et al, 2010, Salmivalli et al, 1996, Salmivalli, Voeten & Porskiparta, 2011).

2.3 Cyberbullying – tecnologias utilizadas

O fenómeno do cyberbullying deverá ser compreendido em função das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) utilizadas para as concretizar. De fato cada uma delas tem características específicas que determinam os comportados relativos ao seu uso. O fenómeno pode ser qualificado consoante é praticado, por um lado, através das múltiplas funcionalidades do telemóvel ou do computador ou, por outro, através da utilização ou não da internet, isto é num modo offline ou online. As TIC estão, no entanto, em crescente evolução e o seu domínio e a criatividade por parte dos agressores é enorme pelo que qualquer tipologia dos meios será sempre provisória, mas neste momento podemos avançar com as seguintes categorias: SMS; MMS; telefonemas; mensagem de correio eletrónico; salas de conversação (*chatrooms*); mensagens instantâneas e páginas da *Internet* (Smith et al, 2006, 2008):

- SMS: enviar ou receber mensagens de texto abusivas através do telemóvel.
- MMS: tirar, enviar ou receber fotos e/ou vídeos desagradáveis utilizando os telemóveis (ex. *happy slapping*).
- Telefonemas: fazer ou receber telefonemas perturbadores (ex. comunicar brincadeiras maliciosas).
- Correio electrónico: mensagens de correio electrónico maliciosas ou ameaçadoras enviadas directamente para a vítima, ou sobre a vítima para terceiros.
- Salas de conversação: Intimidação ou abuso aquando da participação em salas de conversação
- Mensagens Instantâneas: Mensagens instantâneas abusivas (MSN, Yahoo, AIM etc.).
- Páginas da *Internet*: Onde são revelados detalhes secretos ou pessoais de uma forma abusiva, ou onde são partilhados comentários maliciosos e desagradáveis. Pode também envolver a divulgação, numa página

da Internet, de fotos ou vídeos humilhantes ou a colocação de pesquisas degradantes.

2.4 Cyberbullying – expressões comportamentais do fenómeno

Um outro modo de focar o cyberbullying diz respeito aos vários tipos de comportamentos com que ele se concretiza. A investigação (Akbulut & Eristi, 2011, Calmaestra et al, 2010, Kowalski et al., 2008; Newey e Magson (2010) tem vindo a assinalar comportamentos como:

- Manifestar ódio, fazer ameaças, intimidar (*Flaming/Threats/Intimidation*): discussões acessas e intensas de curta duração, com uma linguagem e mensagens vulgares, rudes e ofensivas, e com insultos (*flame war*) que ocorrem habitualmente em foruns online e salas de chat;
- Insultar (*Bashing*): utilização da Internet para cometer ataques, diretos, verbais ou por via de imagens como é o caso, por exemplo, de comentários difamatórios em blogues;
- Assediar/ assédio (*Online harassmet*): envio repetido e persistente, a um alvo ou pessoa específica, de mensagens escritas agressivas (*text war*) com o objetivo de ferir e aborrecer;
- Difamar/denegrir (*Denigration/Put Down/Misinformation*): trata-se de 'dizer mal de alguém' nos diversos espaços e sitios da web. Espalhar boatos ou divulgar de informações falsas e/ou rumores online com a intenção de prejudicar. É o caso, por exemplo, de alunos que colocam posts (em páginas da web, e-mails, mensagens de texto ou mensagens instantâneas) com informações falsas e prejudiciais sobre as vítimas;
- Ciberperseguição (*Cyberstalking*): assédio escondido, repetido e muito violento, na medida em que o seu impacto na vítima pode causar medos muito fortes. Por exemplo, um aluno pode receber e-mails anónimos com ameaças físicas ou de vigilância total;

- Chapada alegre (*Happy slapping*): comportamentos de quem intencionalmente provoca cenas de violência com a finalidade de filmar/ videogravar e enviar, por email, internet, telefone, telemovel, etc., para sites online publicos;
- Revelar segredos/chantagear (*Outing/ Blackmail*): divulgação de informação sensível, privada ou embaraçosa e que devia ser do foro privado e assim mantida (cartas, fotografias, questões financeiras, etc.), como meio de chantagem para obter algum benefício. Por exemplo o reencaminhamento de uma mensagem da vítima que contém informação pessoal e íntima;
- Excluir (*Exclusion*): excluir alguém de atividades sociais e de grupo como chats ou jogos. De fato ser excluído de participar com os seus pares poderá levar a sentimentos de rejeição. A exclusão pode ocorrer, por exemplo, num ambiente de jogos *online* ou blogues quando não se obtém resposta dos pares;
- Dissimular /usurpar identidade (*Posing/Masquerable/Identity Theft*): agressor obtem fraudulentamente a senha da conta de uma sua vítima e finge ser esta mesma, enviando informações nocivas e prejudiciais para a própria vítima;
- Aliciar ou fingir-se amigo (*Trickery/ Posing as a friend*): convencer alguém a revelar segredos ou informação embaraçosa com o intuito de a partilhar online;
- *Sexting*: enviar mensagens de cariz sexual, tais como fotos de nu parcial ou total, para serem vistas por outros colegas e amigos.

2.5 Cyberbullying – alcance e prevalência

A investigação sobre *cyberbullying* teve lugar no início do século XXI e o primeiro trabalho científico identificado foi publicado no ano 2000 por Finkelhor e colegas cujos resultados indicam que a percentagem de utilizadores da *Internet*, nos Estados Unidos, que já foram vítimas de

assédio *online*, é de 6%. Mais tarde, em 2006, estes mesmos autores referem que o assédio online teve um aumento importante "In YISS-2, 9% of youth Internet users said they were harassed online in the past year. Six (6) percent said someone was bothering or harassing them online and 3% said someone had posted or sent messages about them for other people to see. Also 3% of youth described an incident of distressing online harassment, which left them feeling very or extremely upset or afraid" (Wolak et al., 2006, 53)

Em 2004, Ybarra & Mitchel publicaram um estudo realizado em 1999 e baseado em entrevistas a 1500 jovens nos EUA, entre os 10-17 anos, em que concluíram que 19% dos jovens estiveram envolvidos em agressões online sendo que "3% were aggressor/targets, 4% reported being targets only, and 12% reported being online aggressors only."(2004: 1311). No Canadá, Beran e Li (2005) num estudo sobre assédio online envolvendo 432 estudantes dos 7-9º anos, verificaram que 69% dos jovens já tinha ouvido falar do problema, enquanto que 21% tinha sido vítima e apenas 3% admitiu ter sido vitimizador. Uma percentagem muito mais elevada foi registada, em 2007, por Raskauskas e Stolz nos Estados Unidos, onde 49% do grupo de amostra confessou ter sido vítima deste tipo de abuso. Recentemente, Parks (2013: 13) refere estudos de 2011, baseados em 1355 entrevistas a jovens entre os 14 e os 24 anos, em que 56% dos participantes afirma ter sido vítima de cyberbullying.

Os primeiros estudos europeus apresentam, segundo Oliver & Candappa (2003), percentagens inferiores às registadas nos Estados Unidos. Calmaestra, del Rey, Ortega e Mora-Merchán (2010) comparam números de diversas investigações relativos a percentagens de vitimação na Europa que variam dos 15 a 50%, embora Smith (2008) e Ortega (2009) falem em percentagens da ordem dos 10%.

Face a números deste género conclui-se facilmente que as taxas de prevalência do cyberbullying estão muito dependentes do enquadramento teórico, das metodologias adotadas e dos instrumentos de medida usados nos diversos estudos, o que dificulta os consensos nestas matérias quando se

pretende comparar resultados (Aviles, 2013; Cowie, 2013; del Barrio, 2013, Newey e Magson, 2010, Ortega et al, 2012). Há que ter também em conta, com diz Del Barrio (2013, 28), ao compararmos diferentes contextos e países, que a "acessibilidade a estes recursos tecnológicos pode diferir de um contexto para outro (entre países e entre contextos socioeconómicos e educativos)".

2.6 Cyberbullying – as variáveis de género e idade

Outro dos temas que vem sendo estudado são as questões do género no cyberbullying. Smith e colegas (2008), Ortega e colegas (2008) Del Barrio (2013) afirmam que entre as raparigas se encontram mais vítimas de cyberbullying. Segundo esta última autora "Hay además una interacción entre género y edad: hay más chicos acosadores en 1º de ESO y más chicas en 4º de ESO. Esto podría atribuirse a la similitud del ciberacoso con el acoso en forma de rumores a espaldas de la víctima, en la que las chicas predominan como víctimas, autoras y testigos" (2013, 28).

Em estudos realizados no Canadá verificou-se que uma maior percentagem de rapazes estava envolvida, em geral, no cyberbullying, quer como agressores, quer como vítimas quer, ainda, como observadores (Li, 2007). Parece mesmo que maioria dos estudos aponta para uma prevalência dos rapazes na prática do cyberbullying (Aricat, 2009); mas quanto a uma maior ou menor vulnerabilidade na vitimação, há também estudos (Aricat, 2009) que consideram não haver diferenças significativas entre os sexos.

Mais uma vez se constata que, tal como na prevalência em geral, no que concerne a idade e género tem havido conclusões diferentes; a importância destas variáveis e o peso dos valores obtidos nos diversos estudos carecem de ser melhor compreendidos.

2.7 Cyberbullying – impacto/consequências gerais

O estudo dos efeitos ou consequências do cyberbullying no quotidiano de crianças e adolescentes não tem chegado a resultados consensuais; no entanto, há um grande consenso no alertar para a gravidade do fenómeno e para a absoluta necessidade de atuar preventivamente.

Slonje e colegas (2008) e Smith (2008) referem que o impacto do cyberbullying depende dos meios ou das tecnologias utilizadas. Assim os vídeos e as fotos terão um efeito muito mais nocivo do que as mensagens através de SMS. Segundo Ortega e colaboradores (2012), Li (2010), Hinduja & Patchin (2010), Aricat (2009), Ybarra & Mitchell (2004), há consequências já seguramente identificadas (semelhantes ao que acontece no bullying face a face), como o decréscimo da auto-estima, o deficit de atenção, abandono e violência escolar, depressão e desordens comportamentais, ideações suicidárias e, em alguns casos, até mesmo a prática de suicídio ou de atos de violência extrema.

O isolamento social e a falta de aceitação entre pares, foram salientados por Cowie (2003); estudos longitudinais mostram, também, as graves consequências ao longo da vida (Ybarra, Diener-West & Leaf, 2007). Acredita-se, de acordo com Li (2010) que estes danos do cyberbullying tenham um maior impacto dos que os relativos ao bullying face a face, devido às características já referidas, como o anonimato, a ausência de fronteiras temporais e físicas e ao fato de ser impossível apagar ou esconder as afrontas ou humilhações uma vez colocadas na internet.

Mas as consequências também se fazem sentir sobre os agressores, salientando-se problemas de relacionamento afetivo, dificuldades de autocontrolo e baixa de rendimento escolar. Segundo Hinduja e Patchin (2010) há também, em alguns deles, ideação suicidária, embora com menos frequência do que no caso das vítimas.

Haveria, ainda, que falar nas consequências no seio da família, da escola e da sociedade. A consideração destas consequências aumenta,

ainda, a necessidade e a urgência de ações de prevenção concertadas entre estas diferentes instâncias (Amado et al., 2013).

2.8 Cyberbullying – emoções e sentimentos

Uma outra linha de investigação, frequentemente associada à anterior, tem a ver com as emoções e sentimentos associados ao fenómeno. Beran e Li no estudo já referido, chegaram à conclusão de que várias vítimas de cyberbullying manifestaram “feelings of sadness, anger, anxiety, and fear that may have impaired their ability to concentrate and succeed academically. Thus, even though cyber-bullying does not always occur in the presence of peer witnesses (for example, threatening messages relayed through cell phones), it may have a similar impact on victims by establishing power and control over them through humiliation. It seems plausible that social dominance theory can be applied to cyber-harassment as victims seem to experience fear and perhaps also helplessness, and, thus, consider themselves to be in a subservient position to the “cyber-aggressor.” (2005, 11).

Também os estudos de Katzer (2007) e Katzer e Fetchenhauer (2007) referem que o cyberbullying que acontece nas salas de *chat* produz, nas vítimas, sentimentos negativos tais como raiva, frustração, etc., ao mesmo tempo que 10% das vítimas afirmam sentir-se, ainda, ansiosas devido às suas experiências.

Newey e Magson (2010) referem os sentimentos de tristeza, ansiedade e raiva como os mais salientes e relacionados com o cyberbullying

O estudo de Ortega e colaboradores (2012) é exaustivo e dá-nos conta da problemática relativa a estes aspetos. Salientam, por um lado, que o impacto do cyberbullying deve ser sempre compreendido no contexto, isto é, no âmbito da importância dada, em situações e comunidades particulares, às relações sociais que se concretizam através da Internet. Os autores referem estudos como o de Raskauskas and Stolz (2007) no qual se verifica que “93% of cybervictims were negatively affected, reporting sadness, hopelessness,

depression, and anxiety. Katzer and Fetchenhauer [2007] found that the emotional responses of the victims of bullying in chatrooms included anger (41%); upset (over 30%); frustration (20%); vulnerability (15%); depression (11%), and fear (8%)" (Ortega et al., 2012, 343).

Independentemente destas referências, o próprio estudo destes autores sobre o impacto emocional do bullying tradicional e do cyberbullying, assente numa amostra de 5,862 estudantes de Itália, Espanha e Inglaterra, permitiu verificar que "the emotion most often reported by pupils, for both traditional bullying and cyberbullying, was feeling "angry" (with the exception of Spanish cybervictims)." (Ortega et al, 2012, 346)). Não deixa de ser importante referir, como resultado deste estudo de Ortega e colaboradores que o sentimento de 'indefeso' ('defenseless') foi o menos referido pelas vítimas de cyberbullying através da Internet. No caso do cyberbullying através do telemóvel verificou-se que a emoção 'raiva' (angry) foi aquela mais frequentemente assinalada como correspondendo ao que sentiam as vítimas 'moderadamente afetadas' porque as vítimas assinaladas como 'fortemente afetadas' manifestaram sentimentos de depressão.

Concluem Ortega et al (2012) que, de forma geral, o impacto emocional negativo do cyberbullying é menor do que o do bullying tradicional e que estas diferenças "could be related to the characteristics, real or perceived, of these two kinds of bullying. Some pupils do seem to regard cyberbullying as (mostly) not being as serious as traditional bullying, because it is not "real" and can be ignored in a way that face-to-face bullying cannot" (2012, 352)

3. Compreender o cyberbullying – reflexões finais

O estudo do fenómeno do cyberbullying em toda a sua complexidade é recente. Se os primeiros estudos tentaram distinguir o fenómeno do cyberbullying do bullying tradicional, a investigação contemporânea, como a que aqui descrevemos, procurar identificar e descrever as especificidades

deste comportamento mediado pelas TIC. Uma das dificuldades desta pesquisa reside exatamente nos contantes desenvolvimentos das tecnologias da informação e da comunicação, das particularidades associadas às mesmas e dos seus impactos nas vidas do quotidiano em geral mas de forma muito particular na vida dos jovens.

De fato a brusca passagem dos paradigmas implicados na Web 1.0 para as características do mundo da internet alicerçado na web 2.0 trouxe possibilidades imensas, gratuitas e sem controlo e supervisão, na maneira de ver e de escrever o mundo e, de forma particular, na maneira de os jovens comunicarem e construírem as suas identidades como pessoas, alunos e cidadãos. Se as vantagens têm sido imensas, os riscos também, e estes têm de ser necessariamente situados nas possibilidades das atuais ferramentas tecnológicas que determinam a tipologia de comportamentos associados.

E aqui reside um dos pontos mais sensíveis da investigação neste domínio que é, precisamente, o de construir um entendimento consensual a toda a comunidade científica, acerca da tipologia de comportamentos e meios associados ao cyberbullying, acerca dos perfis e papéis dos envolvidos, acerca de instrumentos utilizados, e da prevalência, impacto e consequências do fenómeno. Com este trabalho pretendemos fazer uma síntese do conhecimento atual sobre estes temas, tendo consciência de que muitos outros poderiam e deveriam ser tratados num texto de síntese como este pretendeu ser. Consideramos, no entanto, ter oferecido um contributo para uma perceção global do problema, base essencial para a sua compreensão e para o conseqüente delinear de estratégias de ação preventiva e interventiva.

Referências

AKBULUT, Y. & ERISTI, B. (2011). Cyberbullying and vitimisation among Turkish university students. *Australian Journal of Educational Technology*, 27(7), 1155-1170.

- ARICAK, O.T. (2009). Psychiatric symptomatology as a predictor of cyberbullying among university students. *Eurasian Journal of Educational Research*, 34, 167-184.
- AMADO, J. MATOS, A, PESSOA, T. (2012). Working with parents: principles and strategies for training. In T. Jäger, C. Stelter, M. O'Moore, L. Corcoran & N. Crowley (Ed.). *Taking Action Against Cyberbullying - A Training Manual for Trainers working with Parents*. Landau: Verlag Empirische Pädagogik. Retrieved from <http://ct4p.zepf.eu/manual-en.pdf>
- AVILÉS, J.M. (2013). Bullying y Cyberbullying: Apuntes para la elaboración de un Proyecto Antibullying. *Convives, Revista Digital de la Asociación CONVIVES*, 3, 4-15
- BELSEY, B. (2006). Cyberbullying: An emerging threat to the "always on" generation. Retrieved from http://www.cyberbullying.ca/pdf/Cyberbullying_Article_by_Bill_Belsey.pdf
- BERAN, T. y LI, Q. (2005). Cyber-Harassment: A Study of a new method for an old behavior. *Journal of Educational Computing Research*, 32(3), 265-77
- BERAN, T. y Li, Q. (2007). The relationship between Cyberbullying and school bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1(2), 15-33
- BOWERS, L., SMITH, P. K. & BINNEY, V. (1994). Perceived family relationships of bullies, victims and bully/victims in middle childhood. *Journal Soc. Personal Relationships*, 11, 215-232.
- CALMAESTRA, J., del REY, R., ORTEGA, R. & MORA-MERCHÁN J. A. (2010). Introdução ao cyberbullying. In T. Jäger, (Ed), *Agir contra o Cyberbullying* (M3). Landau: Verlag Empirische Padagogik. Retrieved from <http://www.cybertraining-project.org/book/>
- CAMPBELL, M. (2005). Cyberbullying: An old problem in a new guise? *Australian Journal of Guidance and Counseling*, 15(1), 68-76. Retrieved from <http://eprints.qut.edu.au/1925/1/1925.pdf>
- COWIE, H. (2013) El impacto emocional y las consecuencias del Ciberacoso. *Convives, Revista Digital de la Asociación CONVIVES*, 3, pp. 15-24

- Del BARRIO, C. (2013). Experiencias de acoso y ciberacoso: autores, autoras, víctimas y consideraciones para la prevención. *Convives, Revista Digital de la Asociación CONVIVES*, 3, pp. 25-33.
- FINKELHOR, D., MITCHELL, K. J. & WOLAK, J. (2000). *Online victimization: A report on the nation's youth*. Alexandria, VA: National Center for Missing and Exploited Children.
- HINDUJA, S. & PATCHIN, J.W. (2010). Bullying, Cyberbullying, and Suicide, *Archives of Suicide Research*, 14(3), 206-221
- JÄGER, T., STELTER, C., AMADO, J., MATOS, A. & PESSOA, T. (Ed.) (2012). *Cyberbullying - Um manual de formação de pais*. Landau: Verlag Empirische Pädagogik. Retrieved from: <http://ct4p.zepf.eu/manual-pt.pdf>
- KATZER, C. (2007). *Gefahr aus dem Netz. Der Internet-Chatroom als neuer Tatort für Bullying und sexuelle Viktimisierung von Kindern und Jugendlichen*. Unveröff. Dissertation, Wirtschafts- und Sozialwissenschaftliche Fakultät, Universität Köln.
- KATZER, C. & FETCHENHAUER, D. (2007). Cyberbullying: Aggression und sexuelle Viktimisierung in Chatrooms. In M. Gollwitzer, J. Pfetsch, V. Schneider, A. Schulz, T. Steffke, & C. Ulrich (Hg.), *Gewaltprävention bei Kindern und Jugendlichen*. Band I: Grundlagen zu Aggression und Gewalt in Kindheit und Jugend (pp. 123-138). Göttingen: Hogrefe
- LI, Q. (2006). Cyberbullying in schools: A research of gender differences. *School Psychology International*, 27, 157-170.
- LI, Q. (2007). Bullying in the new playground: Research into cyberbullying and cyber victimisation. *Australasian Journal of Educational Technology*, 23(4), 435-454.
- LI, Q. (2010). Cyberbullying in High Schools: A Study of Students' Behaviors and Beliefs about This New Phenomenon. *Journal of Aggression, Maltreatment, and Trauma*, 19(4), 372-392. Retrieved from <http://new.csriu.org/cyberbully/docs/cbctpresentation.pdf>
- PESSOA, T., AMADO, J., MATOS, A., VIEIRA, C. (2012). *Cyberbullying - university*

- students' voices and narratives and teachers' challenges. ATEE Winter Conference – 2-4 April. (p. 145). University of Coimbra. Abstract Book:
- MENESINI,E., NOCENTINI,A., PALLADINO,B.E., FRISEN,A., BERNE, S., ORTEGA-RUIZ, R., CALMAESTRAI,J., SCHEITHAUER,H., SCHULTZE-KRUMBHOLZ, P., NARUSKOV,M.A., BLAYA, C., BERTHAUD, J. Y SMITH,P.(2012). Cyberbullying Definition among Adolescents: A Comparison across six European Countries. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 00,00, 1-9.
- NEWY, K.A. & MAGSON, N. (2010). *A critical Review of the current Cyber Bullying Research: Definitional, Theoretical and Methodological Issues. Where do we go from here?* Paper presented at AARE International Research in Education Conference, Melbourne, Australia Retrieved from <http://publications.aare.edu.au/10pap/2521NeweyMagson.pdf>
- O'CONNELL, P., PEPLER, D. & CRAIG, W. (1999). Peer involvement in bullying: insights and challenges for intervention. *Journal of Adolescence*, 22(4), 437-452.
- OLWEUS, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- OLIVER, C. & CANDAPPA, M. (2003). *Tackling bullying: Listening to the views of children and young people*. Department for Education and Skills, Nottingham, England.
- ORTEGA, R. & MORA-MERCHÁN, J. A. (2000). *Violencia Escolar: Mito o Realidad*. Sevilla: Mergablum.
- ORTEGA, R., CALMAESTRA, J., & MORA-MERCHÁN, J. A. (2008). Cyberbullying. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8(2), 183-192.
- ORTEGA, R., ELIPE, P., MORA-MERCHÁN, J.A., CALMAESTRA, J. & VEGA, E. (2009). The emotional impact on victims of traditional bullying and cyberbullying. A study of Spanish adolescents. *Zeitschrift für Psychologie/Journal of Psychology*, 217(4), 197-204.
- ORTEGA, R., ELIPE, P., MORA-MERCHÁN, J. A., GENTA, M.L., BRIGHI, A., SMITH, P.,

- THOMPSON, F. & TIPPETT, N. (2012). The Emotional Impact of Bullying and Cyberbullying on Victims: A European Cross-National Study. *Aggressive Behavior, 38*, 342-356.
- PARKS, P. (2013). *Cyber bullying*. San Diego: ReferencePoint Press
- PRICE, M. & DALGLEISH, J. (2010). Cyberbullying: Experiences, impacts and coping strategies as described by Australian young people. *Youth Studies Australia, 29*(2), 58.
- RASKAUSKAS, J. & STOLTZ, A. D. (2007). Involvement in traditional and electronic bullying among adolescents. *Developmental Psychology, 43*, 564-575.
- SALMIVALLI C., LAGERSPETZ, K., BJÖRKQVIST, K., ÖSTERMAN, K. & KAUKIAINEN, A. (1996). Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior, 22*(1), 1-15.
- SALMIVALLI, C., VOETEN, M. & PORSKIPARTA, E. (2011). Bystanders Matter: Association between reinforcing, defending and frequency of bullying behavior in classrooms. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 40*(5), 668-676
- SLONJE, R. & SMITH, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology, 49*, 147-154
- SMITH, P. K., MAHDAVI, J., CARVALHO, C. & TIPPETT, N. (2006). *An investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying*. A Report to the Anti-Bullying Alliance. Retrieved from <http://www.education.gov.uk/research/data/uploadfiles/RBX03-06.pdf>
- SMITH, P. K., MAHDAVI, J., CARVALHO, M., FISHER, S., RUSSELL, S. & TIPPETT, N. (2008). Cyberbullying, its forms and impact on secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 49*, 376-385.
- YBARRA, M. L., DIENER-WEST, M. & LEAF, P. J. (2007). Examining the overlap in internet harassment and school bullying: implications for school intervention. *Journal of Adolescent Health, 41*, 42-50.

- YBARRA, M.L. & MITCHELL, K J. (2004). *Online aggressor/ targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(7), 1308–1316
- WILLARD, N. (2005). Educator's guide to cyberbullying and cyberthreats. Recuperado de <http://www.accem.org/pdf/cbcteducator.pdf> [consultado august 2012]
- WOLAK, J., MITCHELL, K. & FINKELHOR, D, (2006) *VOnline Victimization of Youth: Five Years Later*. New Hampshire: NATIONAL CENTER FOR MISSING & EXPLOITED CHILDREN. ALL RIGHTS RESERVED. http://www.missingkids.com/en_US/publications/NC167.pdf

Cómo citar este artículo:

Pessoa, T & Amado, J. (2014). Cyberbullying-Questões e desafios atuais. *EDMETIC, Revista de Educación Mediática y TIC*, 3(2), 29-51.